

BERNARDI, Aline de Oliveira. **Decopulagem: Artesanias, Alfaiatarias e Andarilhagens**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPGDan / UFRJ; Mestranda; bolsista CAPES. Bailarina, performer, coreógrafa, preparadora corporal.

RESUMO: Esse artigo adentra o universo poético e os aspectos dramatúrgicos do processo de criação do Livro Performance *Decopulagem*, tanto nos elementos cênicos e performáticos utilizados na montagem do Solo de Dança Decopulagem quanto nos caminhos metodológicos da escrita de prosas poéticas do Livro Decopulagem em sua tiragem artesanal. O neologismo inventado para nomear o processo de criação revela a característica de inventividade almejada na tessitura de escrita do texto poético do livro e na escrita coreográfica do solo. Para compreender melhor como se dá a aprendizagem inventiva nos alinhamos com o pensamento de Virgínia Kastrup que vem apresentando em seus escritos um estudo sobre a aprendizagem da atenção e as diferenças entre criatividade e invenção. Diferentemente de uma condução de dramaturgia pautada no texto dramatúrgico, essa trama dramatúrgica vai revelando as escolhas e as relações cênicas e poéticas de modo processual, aproximando essa construção artística da teoria de autopoiese de Humberto Maturana e Francisco Varela. O eixo dramatúrgico se alinha com o conceito de dramaturgia de Ana Pais que aponta para a criação de modos de cumplicidade na estruturação de sentido do espetáculo. Decopulagem apresenta uma dramaturgia a partir de três títeres: a Andarilha, a Artesã, a Alfaiate. Solo e livro se afetam mutuamente ao longo do processo de criação através das andarilhagens que dialoga com os diferentes lugares percorridos pela autora/performer; das artesanias anunciadas pelas técnicas e práticas corporais junto às influências artísticas que moldaram o corpo da performer/autora; e das alfaiatarias que busca tecer relações e costurar afetos praticando uma interlocução com a maternidade, tanto na geração de uma vida dentro de um ventre materno, como na gestação de processos artísticos, constituindo uma dramaturgia orientada ao corpo feminino na cena.

PALAVRAS CHAVE: Decopulagem. Dramaturgias. Corpo Feminino na Cena. Processos de Criação. Autopoiese.

ABSTRACT: This article enters the poetic universe and the dramaturgical aspects of the creation's process of the Book Performance *Decopulagem*, both in the scenic and performatic elements used in the assembly of the Dance Solo *Decopulagem* and in the methodological paths of writing poetic prosas of the Book *Decopulagem* in its handmade edition. The neologism invented to name the creation process reveals the characteristic of inventiveness sought in the writing of the book's poetic text and in the Solo's choreographic writing. To better understand how inventive learning takes place we align ourselves with the thought of Virginia Kastrup who has been presenting in her writings a study on attention learning and the differences between creativity and invention. Unlike a dramaturgy based on the dramaturgical text, this dramaturgical plot reveals the choices of scenic and poetic relations in a processual way, bringing this artistic construction closer to the autopoiesis theory of Humberto Maturana and Francisco Varela. The dramaturgical axis is aligned with the concept of dramaturgy by Ana Pais that points to the creation of complicity's modes in the structuring of the spectacle's sense. *Decopulagem* presents a dramaturgy based on three puppets: the Walker, the Handcraft Woman, the Tailor. Solo and book are mutually affected throughout the creation's process through the wanderings that dialogue with the different places traveled by the author/performer; the handicrafts announced by the techniques and body practices together with the artistic influences that shaped the body of the performer/author; and the tailoring that seeks to weave relationships and sew affections by practicing an interlocution with motherhood, both in the generation of a life within a mother's womb and in the gestation of artistic processes, constituting a dramaturgy oriented to the female body on scene.

KEYWORDS: *Decopulagem*. Dramaturgies. Female Body on Scene. Creation Processes. Autopoiesis.

O processo de criação do livro performance DECOPULAGEM¹ evoca uma dramaturgia orientada aos aspectos de um corpo feminino em cena, com o intuito de revelar o processo de gestação de uma escrita de prosas poéticas numa tessitura de fios contínuos com o corpo em movimento, tanto na criação de um solo de dança quanto na criação de um livro em tiragem artesanal. Decopulagem é um neologismo criado pela artista/autora para exprimir o que está entre decupar, decolar e copular, evocando em todos nós o ímpeto que temos de andarilhar pelo mundo, manusear/articular/construir as coisas, tecer relações e costurar afetos. A dramaturgia é conduzida a partir da criação de três títeres: a Andarilha, a Artesã e a Alfaiate, que entrelaçam lugares e pessoas.

Dramaturgia tem sido um tema de grande interesse e múltiplas compreensões na pós modernidade, em especial a partir da década de 70 com o início das transformações dos paradigmas das pesquisas de corpo e movimento e com a influência de “movimentos do Teatro Épico, Happening, da Performance, da Antropologia Teatral, da Dança-Teatro, do Teatro Físico, do Teatro Pós Dramático” (Tourinho, 2009, p. 18). Essas proposições vem trazendo um alargamento do conceito de dramaturgia e uma das aproximações que surgem é o sentido de autopoiesis, ou seja, o entrelaçamento de vida-arte-vida nos processos de criação artística.

KASTRUP (2015) em um de seus artigos escritos para o livro *Arte, Corpo e Pesquisa na Cena: Experiência Expandida* da ABRACE² rememora o que o seu trabalho vem contribuindo para compreendermos os processos de invenção de si, e pontua a diferença entre criatividade e invenção. A primeira é tida como um processo cognitivo de gerar respostas à situações ou problemas já existentes e pré-determinados, enquanto a segunda aponta um diálogo com a imprevisibilidade, rompendo com as relações de causalidade para o surgimento das proposições. Os processos de inventividade carregam uma perspectiva de agenciamento e engendramento entre obra e artista. A invenção não surge de um vazio não vivido, emerge justamente das marcas do corpo e de seus estratos experienciais e "traz consigo todo o passado contraído, além

¹ Decopulagem Solo de Dança estreou no Teatro Cacilda Becker em março de 2019 dentro da Ocupação Decopulagem, que teve apoio institucional da FUNARTE – Fundação Nacional das Artes. Uma programação diversa com oficinas e laboratórios de criação, jam de contato e criação um sara-jé, há e papos, uma nova versão do Show Decopulagem, o pré

² ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas

de ser voltado para o futuro" (Kastrup, 2015, p. 73). Na arte, a experiência com a aprendizagem envolve curvas cognitivas surpreendentes, exige um empreendimento de força para estimular as bifurcações e as rupturas do pensar, irrompe encontros de estranhamentos e perturbações nos seus fluxos e atritos.

Essas ideias já estavam presente desde o início do trabalho de Varela com Humberto Maturana, quando eles formularam juntos a teoria da autopoiese, no final dos anos 70 (Maturana e Varela, 2002). Os autores afirmam que a cognição não é um problema mental, que a cognição não está dentro da cabeça. Há um corpo todo que é cognitivo. A cognição está espalhada pelo nosso corpo, cada uma de nossas células é um sistema cognitivo. Maturana e Varela são biólogos e tiveram um papel muito importante ao fazer da biologia uma ciência cognitiva. Mas suas ideias vão bem mais longe e tornam-se muito importantes para a arte, pois a experiência estética não cabe dentro da cabeça, mas afeta e mobiliza todo o nosso corpo, que é atravessado pelos afetos e sensações. (Kastrup, 2015, p. 75)

O universo poético de *Decopulagem* é uma ode aos processos manuais que deseja trazer à tona uma qualidade de minúcia e cuidado no ato de encontrar sentido narrativo em ações poéticas, nos apresentando um corpo e um percurso afetado e guiado pelas andarilhagens, alfaiatarias e artesanias. O livro é uma tiragem artesanal, composto por 33 prosas poéticas, dividido em 3 títeres (capítulos) que são personagens desta narrativa tão fecunda: a andarilha (que fala das muitas cidades e vilarejos percorridos), a artesã (que revela referências artísticas da autora) e a alfaiate (que dialoga com a maternidade). Com a dimensão de 21 x 21 cm em folhas soltas e a impressão de faca gráfica disponibilizando para a leitura opções de dobras e picotes em cada folha, permitindo a manipulação e a transformação das páginas em muitas formas, como se fossem origamis e com livre inspiração na obra *Bichos*³ da artista plástica brasileira Lygia Clark⁴. Cada livro é envolvido e guardado por um envelope de feltro na cor café. Todas as versões do livro são acompanhadas de um livreto na dimensão de 13 x 13 cm impressos em papel avena 90g e com capa e contracapa em papel kraft 110g com os textos de apresentação, prefácio e depoimentos. Oferecemos 3 versões do livro:

³ obra reconhecida internacionalmente da artista plástica brasileira Lygia Clark que são esculturas metálicas articuláveis que propõe a participação do observador, fazendo de sua autora, uma das pioneiras da arte participativa internacionalmente.

⁴ Pintora e escultora brasileira, reconhecida internacionalmente, que se autointitulava "não artista"

1. Títere (cada capítulo pode ser adquirido separadamente com as folhas impressas no Papel Marfim Color Plus 120g),
2. Tríade (os 3 capítulos juntos impressos no Papel Marfim Color Plus 120g envoltos em papel vegetal 112g carimbado)
3. Peça (os 3 capítulos impressos num papel de porosidade e transparência especial - Papel Pergaminho Natural 160g + papel vegetal 112g com desenhos em nanquim embalando cada títere + capas e contracapas em argilas com desenhos exclusivos do artista plástico e colaborador Kammal João).

Livro Decopulagem Versão Peça



Foto Julio Stotz

Em *Decopulagem* a palavra surge de todo o corpo em movimento ou em *estado de dança* como eixo para os percursos metodológicos e performáticos. Qual o tempo necessário que cada corpo precisa vivenciar para deixar o gesto dançado germinar de uma palavra poética ou deixar emergir um aspecto inusitado na palavra escrita? As diversas camadas convocam simultaneamente espectadora e leitora a uma relação com o aspecto temporal que questiona o hiperestímulo tecnológico que marca a sociedade contemporânea. As relações entre corpo e palavra, entre movimento e escrita, entre sensibilidade e pensamento são os elementos substanciais dessa proposta, quer seja no livro ou no espetáculo solo. As três títeres são as personagens que conduzem a dramaturgia de ambos. No Solo, o percurso da Andarilha propõe

constantemente uma perspectiva de renascimento e transmutação, convocando os ímpetus da Artesã a estar em cena a partir do universo poético de Kazuo Ohno⁵ e atritando a desconstrução do corpo domesticado, manifestando na fisicalidade do corpo da bailarina um embate entre o butô e o balé clássico. A bailarina segue sua trajetória performática até transformar a cena em um ritual que traz à tona a Alfaiate e o seu encadeamento com o tema da maternidade. Uma homenagem à ceramista Celeida Tostes⁶ e à sua performance *Rito de Passagem*⁷ traça um elogio aos atos de fecundar e parir. O deslocamento da performer pelo espaço cênico convida o público a testemunhar um momento em que surgem ecos de antepassados e da morte, desembocando a cena em uma jornada ritualística dos processos de nascer-renascer, guiada pelas memórias dos muitos lugares por onde passou a Andarilha, desde grandes centros urbanos até uma pequena trilha no meio das montanhas. A travessia deságua em um lugar onde é possível experimentar uma vida inesgotável: o sonho. *Decopulagem* propõe um outro ritmo no cotidiano, uma pausa para escutar a si enquanto exercita a alteridade, através de gestos, ações e movimentos que alargam a percepção do corpo sensível.

Andarilha e as andarilhagens

a brisa carrega brechas de sorte e cava segredos nos orifícios. (...) esse véu que cobre a margem do rio desliza poeira para dentro do mar. pensamento-chão que caminha na direção do silêncio. sou erguida pelo vento.⁸

A andarilha é a personagem que dialoga com diferentes lugares percorridos - grandes metrópoles, cidades pequenas, cidades interioranas, locais de natureza - desde uma grande capital europeia a uma ecovila no interior de Minas Gerais⁹. A necessidade vital de criar deslocamentos

⁵ Kazuo Ohno foi um dançarino e coreógrafo japonês, considerado um mestre do teatro butô, arte que mistura dança e artes dramáticas. Fez parceria com Tatsumi Hijikata e esteve três vezes no Brasil, nos anos de 1986, 1992 e 1997.

⁶ Escultora, ceramista e professora universitária brasileira

⁷ Rito de Passagem é uma performance da ceramista e escultora brasileira Celeida Tostes onde, com a ajuda de duas assistentes, a artista envolve-se em argila, formando em torno de si uma ânfora, deslizando depois para fora deste útero simbólico e renascendo.

⁸ Versos da prosa poética [sobre rituais, horizontes e transparências], da títere andarilha, do Livro *Decopulagem*

⁹ Minas Gerais é um estado no sudeste do Brasil, conhecido por cidades da era colonial que remetem à corrida do ouro no país no século 18.

estabelece no ser humano uma constituição de memórias a partir das viagens, das paisagens, da habitação. Nem sempre esses deslocamentos são aspectos da própria vontade, são muitos os fatores que podem nos levar às andarilhagens: situações profissionais, impactos ambientais na habitação, desejo por viajar e conhecer lugares, situações das mais variadas que envolvem o tema da imigração. Esses são alguns exemplos que nos faz refletir sobre a noção de sobrevivência que está inserida nos deslocamentos, ou seja, o quanto nossa corporeidade tem as marcas e as cicatrizes dessas andanças. Os lugares que moramos, as viagens que experimentamos, as situações políticas e sociais que determinam as possibilidades e/ou os impedimentos à esses deslocamentos refletem em muito as características que nos constituem. A língua que falamos, a umidade ou a secura da pele, uma fisicalidade mais ou menos aguerrida, e tantas outras.

No Solo *Decopulagem* a Andarilha é a personagem que dá início ao espetáculo, trazendo uma intenção dramaturgicamente de que o começo de algo vem impregnado do caminho que a trouxe até aquele instante. O começo aqui vem da continuidade de um caminho, o começo emerge e irrompe como situação imprevista enquanto os graus de atenção seguem testemunhando as múltiplas direções dos fluxos contínuos de um corpo em ação no e com o mundo. Dentro dos estudos da aprendizagem inventiva há de se estudar a aprendizagem da atenção, e não somente ter a atenção como uma condição prévia para se aprender algo:

É preciso entender que atenção não é sinônimo de prestar atenção, mas que há diferentes gestos atencionais. Há uma atenção que busca e uma atenção aberta ao encontro, há focalização e concentração, que são coisas bem diferentes. Distração e dispersão também são distintos. (KASTRUP, 2015, p. 76)

A andarilha adentra o espaço cênico caminhando por entre o público e distribuindo pedaços de papel reciclado com versos das prosas poéticas do livro *Decopulagem*. A relação com o público convoca a performer a atuar num jogo com a atenção aberta ao encontro, instaurando uma aprendizagem inventiva e conseqüentemente uma dramaturgia aberta às múltiplas modulações com os graus de atenção. Essa ação de chegada da andarilha é desenhada conjuntamente com a trilha sonora que nesse momento apresenta muitas pessoas da trajetória da performer/autora lendo diferentes trechos das

prosas do livro. Dentre essas pessoas temos a mestra Angel Vianna¹⁰ como a primeira voz e a atriz/bailarina soteropolitana Ana Paula Bouzas, minha madrinha de palco, como segunda voz. A trilha sonora foi originalmente composta para o espetáculo pelo compositor e cancionista Renato Frazão, tendo sido trabalhada artesanalmente em sala de ensaio durante 8 meses. Outra característica dramaturgica da andarilha é a utilização de uma máscara feita de papel de pão toda preenchida de uma colagem de selos de carta, confeccionada pela aderecista Clarice Rito, que também assina o figurino o qual será melhor exposto a seguir. Essa máscara configura uma múltipla identidade, onde a personagem pode trazer diferentes leituras sobre sua origem: é possível fazer a leitura de que são os selos dos muitos lugares que a performer/autora já esteve ou uma leitura que convida o público a se conectar com as suas andarilhagens, ou ainda uma diversidade de pessoas reunidas naquela corporeidade, e também um anúncio ritualístico de toda a ancestralidade que caminha conosco e compõe nossos corpos.

Personagem Andarilha no Solo Decopulagem [2019]



Foto: Helena Cooper

¹⁰ Bailarina, coreógrafa e pesquisadora do movimento. Abriu em 1975, junto com Klauss Vianna e Tereza D'Aquino o Centro de Pesquisa Corporal Arte e Educação e criou o Grupo Teatro do Movimento. Em 1983 inaugurou o Espaço Novo – Centro de Estudos do Movimento e Artes, escola que, além dos cursos livre, tinha o curso em Dança Contemporânea. Em 1992 abre o curso técnico em Recuperação Motora e Terapia através da Dança. Em 2001 iniciou as aulas da sua Faculdade Angel Vianna, com a graduação em Dança – bacharelado e licenciatura. Atualmente a Faculdade também oferece cursos de Pós Graduação Lato Sensu.

Artesã e as Artesanias

mover e deixar nascer. exigência rigorosa do deus Tempo. um tributo ao corpo-carne na predominância dos órgãos. um vitral que imprime certa raridade nas cores de um organismo de metáforas.¹¹

Nas artes visuais temos como eixo do processo de criação o manuseio de materiais nas suas mais variadas constituições (madeira, plástico, vidro, tecido, couro, alumínio, ferro, mármore ...) e a relação artista - matéria - obra é desenvolvida num extensivo engendramento das informações que vão sendo reveladas e os conteúdos que vão aparecendo enquanto acontece a manipulação manual deste material no ato de moldar uma forma. Em *Decopulagem* aproximamos essa feitura manual dos processos de criação com a dança, a performance e a escrita, sendo o corpo e a palavra matérias primas a serem manuseadas plasticamente. A artesã é a personagem que instaura a escultora e criadora de formas e estruturas no mundo, pois moldar-se não é apenas sair de uma barriga e ganhar um nome. A experiência no corpo faz nascer peso, músculos e gravidade.

A característica cênica da Artesã no Solo *Decopulagem* se dá através das técnicas e práticas corporais que moldaram o corpo da performer, tendo dois momentos dramáticos contornados sob esta temática. O primeiro revela um conflito entre o butoh e o ballet clássico, duas técnicas que possuem diferentes abordagens de composição coreográfica e conseqüentemente de estruturação da forma. O ballet clássico propõe claramente um vocabulário de formas do corpo pré-definidas, com ênfase na construção da relação de linhas espaciais vetorizadas entre as geometrias dos espaços internos com os externos. O butoh não tem um vocabulário de formas do corpo previamente estabelecido, e constrói situações cênicas a partir de um estímulo à criação de uma musculatura imagética, ativando diferentes estados de presença do corpo que vai se moldando no espaço a partir de uma articulação das infinitas dobras que o corpo pode realizar enquanto se move. Assim, as formas/estruturas corporais no butoh surgem e aparecem no espaço cênico a partir da dança das atenções aos micromovimentos que se dão entre ossos, músculos, articulações, órgãos, fâscias e as camadas de pele.

¹¹ Versos da prosa poética [sobre pétalas, bactérias e córregos], da títere artesã, do Livro *Decopulagem*

A ativação de uma atenção à multiplicidade de micro-movimentos que esse corpo constrói entre as interconectividades dos espaços internos viabiliza a condição sensível do corpo. As dobras, as tensões, as torções, os alongamentos, os deslocamentos dessa dimensão de conectividade interna com o espaço externo é o que produz um pensamento do corpo. (BERNARDI, 2019, p. 25)

Essa atenção dedicada às dobras do corpo é um eixo da construção dramaturgica tanto do espetáculo solo quanto do livro. O figurino elaborado por Clarice Rito revela a minúcia da poética das dobras: inspirado no pensamento de confecção das vestes orientais o figurino fora do corpo é um tecido único bidimensional, ganhando tridimensionalidade apenas quando é vestido, tendo sua composição de formas ajustada a partir das curvas e das linhas do corpo da performer, através de amarrações. Essa composição flexível das formas também atua como proposição cênica durante o espetáculo. O figurino vai sendo metamorfoseado ao longo das cenas tendo em si 5 diferentes propostas: macacão de mangas compridas, macacão de mangas curtas com golas, calça saruel e blusa de mangas curtas, saia-calça e blusa de uma única manga, saia com blusa transparente. O figurino em cena do Solo *Decopulagem* se propõe às dobras e as múltiplas formas que podem surgir na sua relação com o corpo em movimento, com o corpo em diferentes estados de presença cênica. A poética das dobras também aparece na proposta do livro que não tem encadernação e possui um estudo de dobras e picote em cada folha impressa com as prosas poéticas. A página de um livro que costuma ser bidimensional, ganha a possibilidade de se experimentar na tridimensionalidade. As prosas podem assim ser dobradas como se fossem origamis provocando outros ângulos e proposições de leitura do texto, e podem ser expostas espacialmente a partir de diferentes composições, por serem soltas e móveis, como se fossem móveis espaciais.

Versos das prosas poéticas também moldam a trilha sonora original do espetáculo. Inclusive uma das canções surgiu em um dos ensaios com jogos feitos a partir dos versos falados ora pela performer/autora e ora pelo compositor. Aos poucos uma outra língua começou a ser moldada dentro do jogo de improvisação cênica e norteou a criação da canção *Corpo Mãe*. O segundo momento dramaturgico que traz a questão das técnicas e práticas corporais se debruça justamente no tema da improvisação. Por ser praticante e professora de Contato Improvisação (CI) há 12 anos e por ter praticado com

assiduidade por 8 anos o Movimento Autêntico (MA) com Soraya Jorge, há uma cena no Solo Decopulagem e duas prosas poéticas no Livro Decopulagem dedicadas a essas práticas corporais. A cena se dá com a abertura de uma grande roda em homenagem aos aspectos ritualísticos da prática do MA e a voz da própria Soraya adentra as tessituras da trilha sonora com trechos da prosa do livro que fiz a partir da minha vivência com o MA e com a mestra e amiga Soraya, abrindo ao momento de maior imprevisibilidade cênica do espetáculo, onde como intérprete me entrego às transformações moleculares e ao jogo de incertezas entre as estabilidades e instabilidades dos movimentos que vão aparecendo conforme direciono a atenção ao desejo de encontrar e ser afetada, pois “a força dessas manifestações nos retira de um plácido horizonte de certezas e nos impregna do que desorganiza e insiste em desorganizar e repetir, sem cessar, a qualidade desestabilizante da própria vida” (Borges, 2019, p. 19). As práticas de improvisação, e particularmente o CI e o MA, possuem uma força de autopoiese inerente ao seu fazer, proporcionando muitas vezes o acionamento da estesia como condição sensível do corpo capaz de trazer à tona situações inaugurais.

A personagem Artesã do Solo Decopulagem



Foto Helena Cooper

Alfaiate e as alfaiatarias

dedos falam enquanto mexem no rosto do ventre. (...) acordei submersa da compreensão equívoca do meu peso. (...) gesto e pensamento se coincidem. ficar inteira é um esforço de poesia (...) gestar mais parece com apontar para

um horizonte sem linha, que suga as horas. (...) aceito o risco desse gesto que desenha a marca do meu corpo-mãe. de cócoras escrevo um sonho. a luz agora cabe no milímetro.¹²

A Alfaiate é em si o ato de criar vínculo, costurando e cortando os fios das relações, fiando o preciso instante de forças que se equilibram. Essa personagem pratica uma interlocução com a maternidade, tanto na geração de uma vida dentro de um ventre materno, como na gestação de processos artísticos. Um exercício contínuo de costurar corpo e palavra na relação de existência com o mundo.

PAIS (2010) vem estudando a dramaturgia para além de sua identificação com a composição de textos dramáticos, alargando essa compreensão para a criação de modos de cumplicidade na estruturação de sentido do espetáculo. A dramaturgia do *Decopulagem*, tanto do Solo quanto do Livro, foi surgindo conforme os ensaios e o processo de criação da escrita foram avançando. Como sou a autora e a performer de um processo autoral considere fator crucial ter cúmplices na composição dramaturgical. No Solo convidei o jornalista Guilherme Frederico, que havia feito comigo o Curso Técnico de Bailarino Contemporâneo da Escola de Dança Angel Vianna, para me dirigir e tecer a dramaturgia do espetáculo ao longo de 12 meses de ensaios. E no Livro encontrei na Títere Alfaiate o canal de cumplicidade da tessitura dramaturgical, convidando 9 mães para falarem de sua maternidade e 1 pai para compartilhar sua experiência da relação de paternidade em diálogo com a maternidade.

Uma teoria da cumplicidade procura dar corpo a um pensamento sobre a condição ontológica da dramaturgia na obra cênica: onde, quando e como existe. (...) a dramaturgia tem como função articular os materiais da obra. Ela situa-se nas suas margens, delineando sua concepção fundamental numa ausência constitutiva. É das margens que ela tece e (in)forma o visível, construindo o modo implícito pelo qual o espetáculo se concretiza em opções e relações várias. É nas periferias da materialização do visível, nas zonas de contato e cruzamento entre os elementos cênicos, que ela trabalha, transgride e participa da representação. (Ana Pais, 2010, p. 89)

A dramaturgia seria então o próprio fio que costura os materiais de uma obra dando superfície de contato para que as formas/estruturas e os conteúdos sejam revelados, conectando as escolhas dos gestos e da coreografia, do texto dito em cena, da trilha sonora, do figurino, da direção. A dramaturgia tem em si

¹² Versos da prosa poética [sobre diafragma, molduras e sulcos], da títere alfaiate, do Livro *Decopulagem*

um carácter implícito que a faz ser identificada com a personagem alfaiate, que tece as relações e para isso convoca a característica maternal e feminina que há nesse gesto de compor tessituras. Ao conversar com mães sobre as vivências da maternagem, para escrever as prosas poéticas do capítulo da alfaiate no Livro Decopulagem, pude perceber o confronto intrínseco entre dar limite e acolher revelando as nuances das diferenças sutis entre contornar aspectos dissonantes e abraçar aspectos ressonantes. Nesse instante percebi a potência inventiva e dramatúrgica do neologismo criado para o projeto, pois DECOPULAGEM já tem em si o tensionamento entre decupar (qualidades de cortar, dar limite, contornar) e copular (qualidades de envolver, abraçar, acolher) em diálogo com o verbo decolar (que prenuncia o desejo de alçar vôo, ganhar autonomia). No Solo, a cena ápice é o parto de um extenso fio como uma maneira de simbolizar esse imenso cordão umbilical que mesmo sendo cortado no momento do nascimento na relação com o corpo físico da mãe, para o desenvolvimento paulatino da autonomia, segue sendo tecido através dos afetos com a própria mãe, com as outras pessoas e com o cosmo, ou seja, todos os ambientes que esse corpo vai ter interação para a manutenção de conexão com a vida. Paradoxalmente precisamos cortar e ao mesmo tecer esse fio no ato de nascer e renascer, constituindo assim uma autonomia que está sendo costurada constantemente pela rede de afetos que vai se fazendo e se desfazendo ao longo da jornada existencial.

Personagem Alfaiate do Solo Decopulagem



Foto Helena Cooper

O Livro é a busca por uma escrita vibrátil onde gestos, movimentos e palavras se afetam mutuamente, criando diferentes ritmos de escrita, inaugurando construções textuais que proporcionam a sensação de imprevisibilidade, deixando emergir imagens poéticas que podem ser consideradas como *estados inéditos*, transmitindo qualidades de tonificação da vida. Esse *estado inédito* provoca uma ativação de nossas *marcas*, trazendo impulsos linguísticos que escapam das linhas de uma linguagem pragmática ativando o estado de pulsação rítmica vital do corpo. Há três ritmos no corpo: coração, pulmões e cérebro e arriscamos afirmar que a poesia são as infinitas linhas de encontros rítmicos que atravessam o corpo e suas dobras em relação com os espaços visíveis e invisíveis habitados. A poesia corresponde a pensamentos abertos, porosos e atentos ao desconhecido e surge na imanência do devir.

O que podemos perceber na emergência de um estado inédito, nomeado como marca por Rolnik é o quanto o ambiente e as interrelações provocam constantemente alterações em nossa constituição existencial, mesmo que estas sejam imperceptíveis aos nossos sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar) e suas potentes capacidades, no entanto específicas, de apreensão do sensível. Essas alterações instauram aberturas para a produção de diferença e pluralidade nas características do corpo. (...) Essas marcas acontecem no corpo que se experimenta na relação com o mundo, marcas que são ativadas enquanto habito a imersividade das metamorfoses regidas pela ressonância dessas marcas no/do corpo. (Bernardi, 2019, ps. 27-28)

O Livro Decopulagem teve seu primeiro lançamento em maio de 2019 na galeria do Centro Cultural Parque das Ruínas, na cidade do Rio de Janeiro; seguindo com exposições e lançamentos em outras cidades do Brasil e chegando ao primeiro lançamento internacional em novembro de 2019, na cidade de Londres, no Theatre Michaelis, dentro da programação do POP MOVES – Moving Beyond Coloniality da Universidade de Roehampton. Entre o primeiro lançamento nacional e o primeiro internacional, seguiu uma andariagem em diversos eventos e cidades do Brasil: em Salvador, na UFBA, durante o VI Encontro Científico ANDA¹³; em Recife no IV Contato Coletivo – no Forte das Cinco Pontas; em Campinas, na Adunicamp¹⁴ durante a turnê do

¹³ Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - <http://www.portalanda.org.br/quem-somos>

¹⁴ Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Campinas - <http://adunicamp.org.br/novosite/>

ato cenopoético Paulo Freire – O Andarilho da Utopia¹⁵; no Rio de Janeiro no Parque Lage durante a Virada Sustentável, no Teatro Cacilda Becker durante o Seminário Angel Vianna e também na Ocupação Helenita Sá Earp; em Campinas no Muciná Aquela que Dança, e também na X Reunião Científica da ABRACE – a qual está dando origem à esse artigo.

O Solo Decopulagem teve sua estreia nacional em março de 2019 na cidade do Rio de Janeiro, no Teatro Cacilda Becker e sua estreia internacional em novembro do mesmo ano na cidade de Londres, no Theatre Michaelis. Os teatros oferecem possibilidade de tessitura dramática com o desenho de luz e com as diferentes configurações na relação com o público, que dependendo da altura do palco em relação à plateia e da disposição das cadeiras do público podem estar na configuração de palco italiano, semi arena ou arena. Ao longo desses meses, desde a estreia até o mês de dezembro de 2019, o Solo foi apresentado em outros dois espaços cênicos da cidade do Rio de Janeiro com características distintas – Parque Lage e Centro Cultural Parque das Ruínas – dialogando com a luz natural dos parques e dispoendo de outra tessitura dramática com a introdução de uma itinerância em diferentes pontos do espaço cênico, ou seja, a escolha dos lugares que fariam a composição da itinerância criou uma adaptação dramática. Essas experimentações de espaços cênicos também proporcionaram adaptações nas apresentações de Campinas, na Muciná Aquela que Dança e em Recife, no Forte das Cinco Pontas.

Essa característica de multiplicidade e adaptabilidade espacial da proposta cênica do Solo Decopulagem aciona no público uma participação ativa na construção dramática, pois podemos afirmar que “a arte é capaz de acionar um processo de produção de subjetividade e também invenção de mundo” (Kastrup, 2015, p. 77). A dramaturgia de DECOPULAGEM nos apresenta um corpo e um percurso afetado e guiado pelas forças do campo afetivo, das motivações e das inquietações rumo às descobertas do infinito potencial criativo e inventivo que há no corpo, driblando o automatismo e as zonas de conforto das comunicações interpessoais, muitas vezes anestesiadas

¹⁵ O espetáculo Paulo Freire – o Andarilho da Utopia teve estreia nacional em março de 2019, com direção de Luiz Antônio Rocha, dramaturgia de Junio Santos e atuação do ator e palhaço Richard Riguetti. A autora deste artigo assina a preparação corporal do espetáculo.

pelas redes sociais. DECOPULAGEM é uma ode aos processos de autopoiese que reflete nossa capacidade inventiva e a necessidade do ser humano de encontrar sentido narrativo em ações poéticas.

Referências Bibliográficas

BERNARDI, Aline de Oliveira. Decopulagem. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 2019.

_____ Lab Corpo Palavra: Corpo que Escreve Corpo e o Artista Cartógrafo. Monografia (Especialização em Preparação Corporal das Artes Cênicas) – Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro, 2019.

BORGES, Hélia. Sopros da pele, murmúrio do mundo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

KASTRUP, Virgínia. Cognição Inventiva, Arte e Corpo. In: ABRACE – Arte, Corpo e Pesquisa na Cena: Cena Expandida. Belo Horizonte: Ed O Lutador, 2015.

PAIS, Ana. O crime compensa. In: NORA, Sigrid. Temas da Dança Brasileira. São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.

ROLNIK, Suely. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93. In: Cadernos de subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

TOURINHO, Ligia Losada. Dramaturgias do Corpo: Protocolos de Criação das Artes da Cena. 2009. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas.